

Tomás António Gonzaga

JÁ, JÁ ME VAI, MARÍLIA, BRANQUEJANDO

Já, já me vai, Marília, branquejando  
Loiro cabelo, que circula a testa;  
Este mesmo, que alveja, vai caindo,  
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas cores,  
E vão-se sobre os ossos enrugando,  
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;  
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergam;  
As forças dos meus membros já se gastam;  
Vou a dar pela casa uns curtos passos,  
Pesam-me os pés e arrastam.

Se algum dia me vires desta sorte,  
Vê que assim me não pôs a mão dos anos:  
Os trabalhos, Marília, os sentimentos  
Fazem os mesmos danos.

Mal te vir, me dará em poucos dias  
A minha mocidade o doce gosto;  
Verás brunir-se a pele, o corpo encher-se,  
Voltar a cor ao rosto.

No calmoso Verão as plantas secam;  
Na Primavera, que aos mortais encanta,  
Apenas cai do céu o fresco orvalho,  
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;  
Mas logo que a doença fez seu termo,  
Torna, Marília, a ser quem era dantes,  
O definhado enfermo.

Supõe-me qual doente, ou qual a planta,  
No meio da desgraça, que me altera:  
Eu também te suponho qual saúde,  
Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos  
Aos mesmos astros luz e vida às flores,  
Que efeitos não farão em quem por eles  
Sempre morreu de amores?

Marília de Dirceu

Correia Garção

Cantata

Já no rôxo Oriente branqueando  
As prenes vélas da troiana frota  
Entre as vagas azues do mar dourado  
Sôbre as asas dos ventos se escondião.  
A miserrima Dido  
Pelos paços reaes vaga ullulando,  
C'os turvos olhos inda em vão procura  
O fugitivo Eneas.  
Só ermas ruas, só desertas praças  
A recente Carthago lhe apresenta:  
Com medonho fragor na praia nua  
Fremem de noite as solitarias ondas;  
E nas douradas grimpas  
Das cupoias suberbas  
Pião nocturnas agoureiras aves.  
Do marmoreo sepulcro  
Attonita imagina  
Que mil vezes ouvio as frias cinzas  
Do defunto Sichêo com debeis vozes,  
Suspírande chamar: Elisa! Elisa!  
D'Orco aos tremendos Numens  
Sacrificios prepara,  
Mas vio esmorecida  
Em tórno dos thuricremos altares  
Negra escuma ferver nas ricas taças:  
E o derramado vinho  
Em pélagos de sangue converter-se.  
Frenetica delira;  
Pallido o rosto lindo,  
A madeixa subtil desentrançada,  
Ja com tremulo pé entra sem tino  
No ditoso aposento,  
Onde do infido amante  
Ouvio enternecida  
Magoados suspiros, brandas queixas.  
Alli as crueis Parcas lhe mostrarão  
As iliacas roupas, que pendentas  
Do thalamo dourado descobriam  
O lustroso pavez, a teucra espada.  
Com a convulsa mão subito arranca  
A lamina fulgente da bainha,  
E sôbre o duro ferro penetrante  
Arroja o tenro cristalino peito:  
E em borbotões de espuma murmurando  
O quente sangue da ferida salta:  
De roxas espadanas rociadas  
Tremem da sala as doricas columnas,  
Trez vezes tenta erguer-se,  
Trez vezes desmaiada sôbre o leito  
O corpo revolvendo, ao ceo levanta  
Os macerados olhos.  
Depois attenta na lustrosa malha  
Do profugo Dardanio,  
Éstas ultimas vozes repetia,  
E os lastimosos lugubres accentsos  
Pelas aureas abobadas voando  
Longo tempo depois gemer se ouvirão:

< Doces despojos  
Tam bem logrados  
Dos olhos meus,  
Emquanto os fados,  
Emquanto Deus  
O consentião;  
Da triste Dido  
A alma acceitae,  
D'estes cuidados  
Me libertae. >

< Dido infelice  
Assás viveu;  
D'alta Carthago  
O muro ergueu:  
Agora nua,  
Já de Charonte,  
A sombra sua  
Na barca feia,  
De Flegetonte,  
A negra veia  
Sulcando vai.

in Assembleia ou Partida